

airev

CAMINHAMOS JUNTOS





Redação
AIREV

Fotografia
Carina Oliveira
AIREV

Produção
AIREV | IN9 Studio

Impressão
Gráfica Vizelgraf

Periodicidade
Anual

Tiragem
10.000 exemplares

Distribuição gratuita.
É expressamente proibida a venda.

AIREV - Associação para a Integração
e Reabilitação Social de Crianças e Jovens
Deficientes de Vizela
Rua Amália Rodrigues n.º 150, 4815-652 Vizela
Tlf. 253 565 948
www.airev.pt | geral@airev.pt

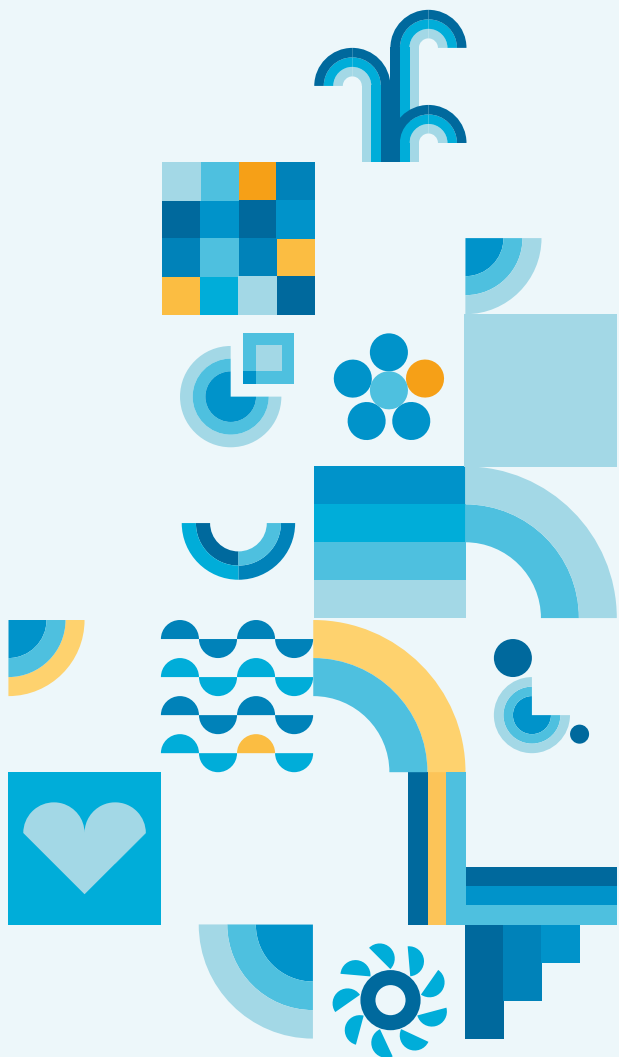
AIREV tem o apoio de:



editorial

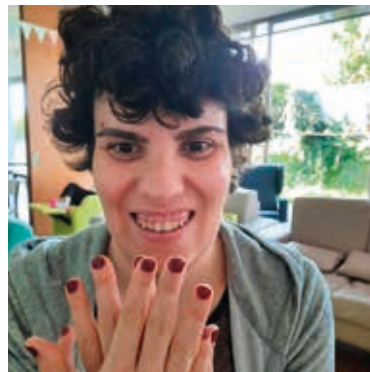
Este último ano ficará para sempre marcado pelas enormes exigências que nos desafiaram aos mais variados níveis e nos obrigaram a mudanças abruptas no nosso dia-a-dia. Uma pandemia como a que vivemos atualmente fez-nos, também a nós, mudar todo o conceito de organização, assim como o significado que atribuímos ao termo de – felicidade – tão amplo e ambíguo, que quase parecia inalcançável porque éramos demasiado exigentes connosco e com os que nos rodeiam. O mundo sempre a grande velocidade despertava em nós a necessidade constante de termos algo mais para sermos felizes. Mas este enorme travão trouxe-nos uma nova visão sobre tudo. Com certeza que nos retirou a liberdade e nos promoveu o receio de perdermos os nossos familiares e amigos. No entanto, levou-nos a perceber que a verdadeira felicidade não é assim tão ambígua. Ter saúde, liberdade e estarmos com quem mais amamos são ingredientes mais do que suficientes para afirmarmos que somos felizes. Perante esta dedução, mais uma vez percebemos que os nossos meninos estão “um passo à frente” de todos nós. Há muito que nos tentavam passar esta premissa. Eles sempre foram muito felizes com um abraço, um beijo, um aconchego, e muitas vezes nos diziam ao seu jeito “Sim, estou bem, tenho saúde!”. Não saem de casa desde março do ano passado, há mais de um ano portanto (exceção para um ou outro passeio depois de vacinados) e tendemos a pensar que estão tristes, ansiosos, desesperados...mas não estão. Estão desejosos de passear livremente é claro, de irem ao café tomarem o pingo a que se foram habituando, de irem às lojas, de irem à piscina, à equitação, mas sobretudo de receberem as suas famílias, porque também de receberem visitas estão privados. De há um ano para cá passaram a ver-se por vídeo-chamadas ou separados por um vidro acrílico. O toque e o cheiro são coisas de um inacreditável passado longínquo. Ainda assim, e mais uma vez, estão felizes porque encontraram uma nova forma de ver e sentir. Esta sim é a verdadeira fórmula de estarmos realizados e de bem com a vida. Aceitemos o que a vida nos dá e adaptemo-nos a isso. Que nunca voltemos a pensar de outra forma.

Sara Santos
Diretora Geral da AIREV



- 06 - AIREV nas Redes Sociais
- 07 - O Sonho de uma vida
- 11 - Havendo vontade, pouco mais falta
- 13 - Amor em tempos de pandemia
- 15 - O que é que precisas para ser feliz
- 19 - Mais juntos do que nunca
- 21 - A dor de quem não pode sair
e a de quem não pode entrar
- 23 - O maravilhoso presente
- 27 - O outro mundo do Vítinha
- 29 - A irmã que veste a pele de mãe
- 31 - A história de um grande lutador
- 35 - O amor faz parte de nós
- 37 - Abriu-se a janela para
o mundo lá fora
- 39 - Os heróis não usam capa
- 41 - Aquele instante de felicidade
- 43 - Já faltou mais, muito mais
- 44 - As mais solidárias
- 45 - Dois anos depois
- 47 - Oh mar que perguntas por nós

CAMINHAMOS # JUNTOS







O sonho de uma vida

Desistir nunca foi opção

“Era uma vez” bem podia ser o início da história de quem, desde bem cedo, tem sonhos tão maravilhosos quanto a pureza do seu coração.

Como muitos meninos, o Paulinho, ainda com tenra idade, brincou, sujou-se, fantasiou, e assinou muitas asneiroas, mas teve desde muito cedo um papel muito ativo nas tarefas domésticas de sua casa, que iam desde as compras às refeições que colocava na mesa. Na cozinha o tempo verdadeiramente voava. A infância maioritariamente vivida junto da sua mãe fê-lo acreditar que o caminho da felicidade passava por ter uma família, ter condições para presenteá-los sempre que gostasse de o fazer, e para si reservava o sonho de poder passar o dia numa cozinha. Ali conseguia materializar o amor pelos que o rodeavam, conseguia demonstrar com os pratos que preparava o que por palavras tinha dificuldade. Desde que chegou até nós, o seu sonho nunca esmoreceu, lutou por ele, e hoje o Paulinho é Auxiliar de Cozinha na AIREV. Infelizmente durante muitos meses deixou de o ser. Esta pandemia roubou-lhe o seu sonho de um momento para outro. Sem nada que o fizesse prever, ficou sem aquilo que dá sentido à sua vida. O sonho que tanto demorara a conquistar foi-lhe tirado. Para o proteger, bem como a todos os seus amigos dentro da AIREV, foram temporariamente suspensas todas as atividades durante vários meses, uma eternidade aos olhos do Paulinho. Quando é que posso ir para a cozinha? Era a pergunta que mais lhe surgia com os olhos carregados de desânimo. Os meses de espera foram finalmente ultrapassados, e agora que já foi vacinado contra o maldito vírus, voltou para a cozinha que partilha com a Dona Filomena e com João Carlos, que ao contrário do Paulinho, regressa a casa, para a sua família, ao final do dia. O menino deste texto tem a AIREV como sua casa há quase dez anos. Acorda e adormece diariamente nos nossos braços. E agora, que lhe foi devolvido o seu sonho, voltou a ter razões para sorrir, e tem cada vez mais certeza de que tem na AIREV uma família que o ama e que o ajudará a concretizar todos os seus ínfimos desejos.







A grande lição da Ana Maria

Havendo vontade, pouco mais falta

Não está a ser fácil, é um dos honestos testemunhos que mais ouvimos desde que nos impuseram este confinamento. Não está a ser fácil em muita coisa, e a boa forma física, essa que nunca foi fácil de manter, muito mais difícil ficou neste período. Tornou-se uma dura batalha para resistir à tentação dos docinhos sempre ali à mão, e poucos foram os que saíram vencedores. A nossa Ana Maria, ou Toia, como por cá gosta de ser chamada, alcunha que denuncia o seu clube do coração, tem 25 anos, Síndrome de Down, e mostrou-nos da melhor maneira que na vida pode faltar muita coisa, mas quando há vontade, tudo fica mais fácil, tudo se torna possível. Para a Toia, este confinamento foi a oportunidade perfeita para perder peso. Perdeu oito quilos. E claro que não foi fácil, a tentação de comermos mais e mais quando estamos muito tempo por casa...bem, nem precisamos de nos alongar. Com esta sua batalha vencida, recuperou a forma física, e recuperou essencialmente a autoestima que há algum tempo havia perdido. Como resultado, o lado mais alegre da sua personalidade veio novamente ao de cima. Dizia de forma carinhosa e confiante cada vez que era sujeita a nova avaliação, “já tenho menos, certo?” Tinha a perfeita noção de que a sua dedicação andava de mãos dadas com a real vontade para alcançar o seu objetivo. Agora que conseguiu o que tanto queria, tem pela frente uma nova meta, manter os hábitos saudáveis, beber muita água e controlar a quantidade de alimentos que verdadeiramente necessita.

Pequenas mudanças, grandes resultados, eis a grande lição que a Toia nos deu. Muitos parabéns!




Super-mães

Amor em tempo de pandemia

Quando nasce um bebê, não nasce apenas mais um bebê, renasce uma mãe, renova-se um coração, e floresce um amor impossível de quantificar. Nada mais no mundo preenche tanto uma mãe como o toque do seu filho. Aquele abraço, aquele beijo, o carinho, o agarrar de uma mão com o desejo de nunca mais a largar. Tudo isto desapareceu do dia para a noite. Longos dias deram lugar a semanas, e semanas que se estenderam a longos meses com um vidro acrílico pelo meio que impede todo e qualquer toque, todo e qualquer cheiro. É um vidro em forma de barreira que impossibilita aquele indescritível abraço que renova as forças e a vontade de lutar. Os mil e um porquês de tudo isto invadem os muitos corações feridos por esta ilusória proximidade. Para ultrapassarem tudo isto não podem ser somente mães, têm de ser guerreiras, heroínas, aliás, super-heroínas em tempos de tempestade. Só quando puderem voltar a sentir e abraçar é que as nuvens cinzentas dissiparão e o sol voltará finalmente a brilhar.





O que é que precisas para ser feliz?

A resposta de quem o é

Quando assinalámos o último Dia Internacional da Pessoa com Deficiência colocámos aos que nos seguem nas redes sociais a questão - O que é que precisas para ser feliz?

Fizemos esta questão porque, nós que trabalhamos de perto com a deficiência, percebemos que temos muito a aprender com quem aparentemente tem pouco, com quem tinha tudo para baixar os braços e não o faz porque são gratos com aquilo que a vida lhes dá. Temos muitos bons exemplos disto mesmo dentro de portas, mas falemos sobre o nosso Bruno Pedrosa. Sempre o conhecemos como um menino muito sorridente, de gargalhada fácil, feliz. E de há um ano para cá, mesmo impedido de sair da AIREV e receber visitas, esta sua maravilhosa forma de viver, incrivelmente, ainda mais se evidenciou. Ensina-nos que a felicidade está na forma como encaramos o que nos acontece. Se por um lado está afastado da sua mãe, da sua irmã, do seu cunhado, e dos seus sobrinhos, pessoas que tanto gosta, por outro lado conseguiu fortalecer ainda mais os laços de amizade na sua família da AIREV. É aqui, que neste especial período, dá e recebe muito do seu amor, é aqui que encontra a tranquilidade que necessita, é aqui que é feliz. Num ano em que foi privado de tanta coisa, o Bruno divertiu-se imenso com os seus amigos. Dançaram até tarde, cantaram até ficarem roucos, foram para a cozinha aventurarem-se nos bolos, e tantas outras coisas que lhe coloriram a alma e reforçaram ainda mais a sua bonita forma de estar na vida. À pergunta - o que é precisas para ser feliz? - o Bruno responde naturalmente a quem o observa. Em vez de olharmos para o que gostaríamos de ter, ser, ou viver, devemos simplesmente agarrar-nos e valorizarmos o que a vida nos dá. Talvez seja este o verdadeiro segredo da felicidade.





IX Grande Prémio AIREV

Mais juntos do que nunca

Já lá vão nove anos desde que saímos à rua pela primeira vez, com a comunidade ao nosso lado, para dizermos às famílias que vivem de perto com a deficiência que não estão sós. Sempre bem juntos, e cada vez em maior número, pintámos, ano após ano, as ruas de Vizela numa só cor. E nem esta maldita pandemia, que nos rasteirou sem aviso prévio, conseguiu impedir que o amor saísse novamente à rua. Em moldes bem diferentes, sem qualquer ajuntamento, foram muitas as famílias, as empresas, e grupos de amigos, que em setembro de 2020 vestiram a nossa camisola para darem um passeio, irem à praia, ou simplesmente saírem à rua para tomarem um café com a AIREV no coração. Sem nos juntarmos, estivemos mais juntos do que nunca. E graças aos magníficos parceiros que se associaram ao evento, conseguimos mais uma vez angariar uma importantíssima verba para continuarmos a realizar a nossa missão diária. A todos eles, aqui fica o nosso sincero agradecimento.



Sinais dos tempos

A dor de quem não pode sair e a de quem não pode entrar



A porta da nossa casa teve que se fechar. Não há outra forma de dizer isto. Quem acorda diariamente na AIREV ficou do lado de dentro, e todos os outros, aqueles que recebemos pela manhã e regressam às suas casas ao final da tarde, tiveram que ficar longe de nós.

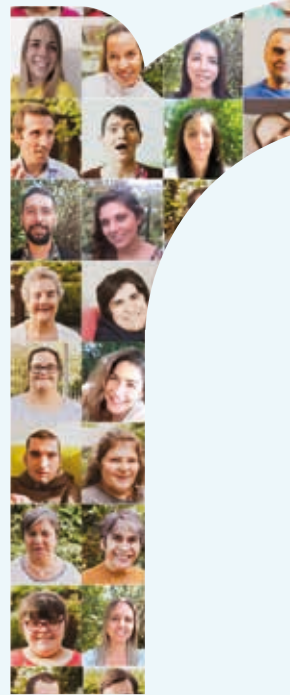
A Andreia Filipa foi uma das meninas que ficou do lado de fora. Também ela, de um momento para o outro, viu as rotinas que tanto a regulam, serem alteradas. Foi-lhe explicado o porquê, mas tantos meses depois, a compreensão já deu lugar à ansiedade de voltar para AIREV e ter novamente acesso a tudo o que a faz verdadeiramente feliz. Namorado, amigos, atelier, equitação, e todas as outras pequeninas coisas que somadas fazem esta menina sorrir. Até tudo voltar à normalidade, os dias da Andreia são passados em casa com parte da família que tem como missão cuidar de si. É na música e em tudo o que a internet (principalmente o youtube) lhe oferece que se refugia para ultrapassar os longos dias, longe daqueles que tanto gosta. A sua ligação à AIREV, como a de tantos outros seus amigos, passou a ser por videochamada. É através do ecrã do telemóvel da sua irmã que desabafa o que de outra forma não pode fazer. Este vírus que a impede de voltar, é o mesmo que assombra a sua família com o receio de que algo lhe possa acontecer caso saia de casa sem estar vacinada. A ansiedade do regresso à AIREV aumenta de dia para dia, e torna-se cada vez mais difícil de lhe explicar o porquê deste longo período longe dos que a fazem sorrir. Enquanto pouco mais podemos fazer, ansiamos também nós por poder recebê-la e voltarmos às atividades que tanto nos preenchem.



E tudo mudou

O maravilhoso presente

Esta é a história sobre um presente que mudou radicalmente a vida de uma das nossas meninas. Há uns meses atrás, naquela época de excelência para a troca de presentes, a Ana Maria, que nos apresenta muitas vezes um temperamento não muito fácil de lidar - períodos de agitação acompanhados de muitas lágrimas que oscilam com momentos de plena tranquilidade - foi presenteada pela sua família com um carrinho e respetivo bebé. Para nosso grande espanto, todo este seu temperamento, por um longo período, deu simplesmente lugar a uma paz, que em anos, nunca tínhamos assistido. E é precisamente aqui que esta história ganha o seu encanto. A Ana Maria tem 53 anos, uma deficiência mental grave, e como todos aqueles que hoje têm a AIREV como sua casa, também têm uma história de vida até então. Recuamos umas décadas na vida da Ana Maria e vimo-la rodeada de crianças que se encontravam ao cuidado da sua mãe. Ao seu jeito, Ana Maria ajudava em tudo aquilo que era necessário. Desempenhava essa função com tamanha alegria e sempre desprendida de qualquer obrigação. Era um papel que assumia de forma natural. E apesar dos momentos menos fáceis da Ana Maria, é impossível não falarmos do quão doce esta menina é nos pequenos toques, nos ternurentos abraços e nos olhares de criança que nunca deixou de ser. É-lhe difícil estar longe dos seus familiares, ainda tem bem presente os tempos que passavam juntos, e talvez venha daí muita da sua momentânea frustração. Tudo isto até entrar este presente na sua vida. Foi como um antídoto que a ajudou a ficar mais perto daquilo que era sua grande paixão, estar rodeada de crianças. Não podendo voltar atrás, porque agora a sua vida é essencialmente no ceio da família AIREV, a Ana Maria viu neste seu carrinho e respetivo bebé o seu propósito. Este presente representa as sobrinhas que cuidou e viu crescer. O que para muitos é um carrinho de bebé, para a Ana Maria é o bilhete de regresso a uma das mais maravilhosas fases da sua vida, e nós deixá-la-emos viajar até que para si faça sentido.





À distância de um clique

O outro mundo do Vitinha

Quando pensamos em alguém com um comprometimento intelectual ou com uma deficiência, temos como hábito reduzir as suas capacidades para compreenderem determinadas coisas. Até que conhecemos pessoas como o Vitinha, e percebemos o quão errados estamos nesses precipitados juízos. É um bom exemplo de uma pessoa apaixonada por tudo o que a tecnologia lhe oferece e da capacidade que tem para aprender o que é necessário para alcançar o que pretende. Cedo aprendeu que explorar dava mais resultado do que pedir constantemente ajuda. A relação com o seu telemóvel é muito mais do que uma relação de um ser humano com uma máquina para mero entretenimento. Para o Vitinha, a música que o telemóvel lhe oferece permite-lhe viajar sem sair do lugar, a câmara dá-lhe a possibilidade de guardar momentos para dias depois recordar, e com o acesso à internet tem todo um mundo de conteúdos que de outra forma não teria oportunidade de conhecer. Com o domínio daquele mágico ecrã as suas limitações ficam reduzidas. É claro que nem sempre é fácil a sua relação com o telemóvel, não raras vezes paga faturas demasiado caras quando os ataques de fúria tomam conta de si. E aí vêm todos os tormentos. Se até há bem pouco tempo o telemóvel tinha essencialmente as referidas funções, esta nova realidade, que o afastou dos seus amigos, fez com que o seu telemóvel fosse muito mais do que era até então. A vontade de estar perto de quem mais gosta, mesmo que com um ecrã a separá-los, fez com que rapidamente aprendesse a fazer videochamadas. Entre confinamentos e desconfinamentos, o Vitinha não perdeu o contacto com os que o fazem sorrir. É mais um bom exemplo de que as vontades superam as dificuldades.







Um ser humano especial

A irmã que veste a pele de mãe

É quase inevitável que quando falamos de irmãos tendemos a assemelha-los. A educação que tiveram em casa e as pessoas que os rodearam ao longo da infância e juventude - altura em que começamos a definir a nossa personalidade - são os argumentos que de forma natural utilizamos para sustentar a comparação. Mas todos conhecemos irmãos que pouco se assemelham, provavelmente por razões inversas às que outros tantos se aproximam. Falemos da Carina, uma das meninas que tem a AIREV como sua casa (ela e os seus três irmãos. Sim, são quatro os irmãos Teixeira que abraçamos diariamente em nossa casa). Quando nos referimos à Carina temos perfeita noção que se distingue dos outros manos. Porque na verdade, muitas vezes, é bem mais do que uma irmã para eles. Repetem-se as ocasiões em que veste a pele de cuidadora, protetora, quiçá de mãe. Estende com frequência esta sua faceta a muitos outros amigos que se encontram em situações mais dependentes. É-lhe inata a prontidão para ajudar quem a rodeia, e não será exagero afirmar, que é com prazer, por exemplo, que vê os momentos das refeições, porque aí assume a real função de cuidadora ao ajudar na preparação dos tabuleiros, na alimentação dos necessitam de ajuda, bem como na arrumação de todo o espaço assim que se dá por terminada a refeição. Torna-se evidente a quem a observa à distância que não vê nada daquilo como um trabalho ou compromisso, tudo é feito com muita conversa à mistura, sorrisos gratuitos e gargalhadas que nos enchem a alma. Uma menina bem especial, assim gostamos de a ver.



Batalha atrás de batalha

A história de um grande lutador

O que poderia ser uma vida marcada pela frustração de uma incansável batalha pela aceitação, é na verdade uma fonte de inspiração para todos os que obcecadamente veem o copo meio vazio. A integração num comum grupo de amigos, e mais tarde no conhecido mundo do trabalho, foi-lhe negada logo nos primeiros anos de vida à medida que se tornava evidente a comprometedora deficiência física e a ligeira intelectual. Dois determinantes fatores para derrotar alguém quando ainda se encontra na grelha de partida, mas não para António Julião Costa Leal, o nome do, agora nosso, Senhor António. Agora nosso porque esta adaptação à família AIREV não foi um processo fácil. Até há bem pouco tempo o Sr. António vivia em casa da esposa do seu falecido pai e passava grande parte dos seus dias nas ruas do vizinho concelho de Guimarães, de onde é natural. As rotinas de anos a fio totalmente liberto de responsabilidades e justificações foram um entrave à nova rotina no ceio da nossa família. É certo que a segurança, o conforto, e a garantia de um futuro digno está agora assegurado, razões pelas quais os seus irmãos nos contactaram. Mas todas as raízes à cidade que o viu nascer não foram fáceis de cortar. Os parques de estacionamento da Feira de Pevidém, da Feira de Guimarães e do hospital, foram durante anos preenchidos pelo seu característico rosto no papel de arrumador de carros. Era com imenso orgulho e com uma motivação assinável que garantia o dinheiro necessário para os cafezinhos que tanto aprecia. Não fosse a partida do seu pai e provavelmente ainda hoje teria esse velho hábito, e nós ainda nem o teríamos conhecido.

Agora que o temos ao nosso lado e conhecemos a sua história de vida, percebemos que foram muitas as barreiras que a ingrata vida lhe foi pondo à frente. Empregos negados, escassos relacionamentos, duros preconceitos, e claro, muita tristeza somente amenizada pelos seus afazeres na rua. Não se tratava apenas de uma fonte de rendimento, para o Sr. António, guardar carros era isso mesmo, guardar. Sentia a responsabilidade de ajudar a estacionar, mas acima de tudo proteger o carro de qualquer dano causado por alguém mal-intencionado. A confiança que depositavam em si era a mesma que gostava que um dia lhe tivessem dado com um contrato de trabalho. Conta-nos que o diário regresso a casa era marcado por um sorriso alimentado pelo telintar das moedas no seu bolso. Eram elas que em maior número lhe davam acesso à própria roupa, as cassetes de música e às pilhas para o rádio que ainda hoje o acompanha no seu andarilho. Desde 2014 que o Sr. António tem um lugar no nosso Lar Residencial. Partilha-o com outras 29 pessoas, e agora os seus cafezinhos são por conta da AIREV. Tem como companheiros de quarto o Paulinho e o João Ventura, e continua a exhibir as suas características que melhor o definem, entre elas a organização – ninguém está autorizado a mexer nas suas coisas meticulosamente dispostas e arrumadas ao seu jeito. É inegável que a sua personalidade tem uma pequenina dose de teimosia e uma pitada de orgulho, afinal são quase 60 anos a falar por si. Mas ninguém o pode acusar de não ser querido e extremamente grato

quando o ajudam. O provável sentimento de injustiça para com a própria vida faz com que não aceite que o mesmo aconteça ao que estão à sua volta, é bastante intolerante com aquilo que considera injustiças. Nas mais pequenas coisas revela a sua verdadeira índole. Só não lhe peçam para acordar cedo, é certo que ninguém verá o Sr. António na sala de pequeno almoço antes das nove horas da manhã, e não fosse a medicação necessária, provavelmente só o víamos à hora de almoço. Recorda com grande amor a madrastra que o abraçou quando o seu pai faleceu, e admira imenso os seus irmãos, que o vão visitando e pondo a conversa em dia pelo telefone quando as suas vidas o permitem. Falar-lhe do Vitória é falar de uma das suas grandes paixões. Recorda com saudade as peripécias que viveu para poder assistir aos jogos sem pagar bilhete. Aliás, adora falar e dar a sua opinião, independentemente se domina ou não um assunto. Quando tocamos no tema - infância - inevitavelmente nos fala do quanto foi difícil ultrapassar os estereótipos de “aleijadinho”, como ele próprio verbaliza, e de como enfrentou cada colega que ria das suas dificuldades. Recorda tudo o que precisou de fazer para demonstrar que era capaz de fazer tudo aquilo que os outros faziam. Toda uma vida com grandes obstáculos, mas quase todos eles superados, é assim que o Sr. António recorda grande parte dos seus dias. Há pouco tempo, quando menos esperava, aqui na AIREV, encontrou finalmente a menina que lhe enche o coração, chama-se Helena. Hoje tem boas razões para sorrir.



www.marcadamor.pt

O amor faz parte de nós

Ao longo do último ano sentimos muitas vezes que estávamos todos no mesmo barco, e percebemos que todos tivemos de parar ou pelo menos abrandar. E enquanto marca não fomos exceção, mas parar não foi sinónimo de estagnar ou paralisar. Na Marca d'amor aproveitamos para pensar, planear e reestruturar. Ainda não estamos onde queremos, mas os nossos produtos nunca deixaram de ter a dose de amor que lhes é característico. Mergulhe na nossa loja online e deixe-se apaixonar.



“

O meu filho só consegue comer alimentos se forem passados”

Se há algo no seu filho que o preocupa pode estar perante um problema de integração sensorial, e nós podemos ajudar.

Veja os sinais de alerta em www.clinicadoedi.pt



Com o apoio de:



Especialistas no
Desenvolvimento
Infantil



O lado bom da história

Abriu-se a janela para o mundo lá fora

Nem tudo é mau, é o que muitas vezes ouvimos quando algo de menos positivo nos acontece. Há uns meses atrás, o maldito vírus que nos persegue conseguiu passar pelas frinchas do nosso Lar Residencial, e entre os que foram apanhados e os que conseguiram escapar, as 30 pessoas que têm AIREV como sua casa viram-se obrigadas a 14 dias de isolamento nos seus quartos. Não estavam sós é certo, quase todos eles adormecem em quartos duplos ou triplos, mas nunca algo semelhante tinha acontecido. Seriam 14 longos dias confinados ao mesmo espaço. Houve assim a necessidade de combater de alguma forma esse isolamento, a necessidade de lhes abrir a janela para o mundo, já que a porta estava fechada. Foram então colocadas televisões em todos os quartos sem exceção. E é precisamente a partir daqui que a história ganha relevância. Para muitos de nós as televisões fazem parte da mobília da casa praticamente desde sempre. Quartos, salas de estar, e muitas vezes até as cozinhas as tem. Mas para grande parte dos nossos meninos, a televisão, quando existia em suas casas, pertencia à sala, e o comando, o mágico objeto que muda de canal, nunca lhes pertenceu. No entanto, o maldito vírus, o mesmo que os impede de sair à rua há praticamente um ano, trouxe-lhes o que de outra forma provavelmente não teriam (e que grande momento foi!). Mesmo sem o saberem muito bem utilizar, agora também têm um comando e uma televisão que os fez viajar enquanto a almofada os abraçava. Nem tudo é mau.

A nossa linha da frente

Os heróis que não usam capa

Este último ano mostrou-nos que efetivamente há muitos heróis que não usam capa. São heróis que usam máscaras, viseiras, batas, e outras coisas mais, mas também têm um superpoderes. Têm a incrível capacidade de trabalhar, silenciosamente, dia após dia, noite após noite, em difíceis condições para garantirem qualidade de vida aos nossos utentes. Diariamente, e já lá vai um ano desde que todo este calvário teve início, apresentam-se no Lar Residencial da AIREV, enfrentam os medos que os assombram e vestem o melhor sorriso, mesmo que só no olhar seja evidente, para cuidarem dos seus meninos especiais, como carinhosamente os tratam. Deixam as suas casas, as suas famílias, as suas paixões, e vêm pôr em ação os seus superpoderes. Parece uma batalha ainda longe de terminar, e apesar do cansaço, não os vemos baixarem os braços desta luta que é de todos, mas sobretudo de cada um. Sabem que há quem dependa do sorriso deles, dos seus cuidados, e do seu amor para que não percam o alento. As marcas de doze meses sem sair de casa são muitas, e só com amor, muito amor, se consegue combater este flagelo. Durante este longo período vão reinventando-se, fazem atividades que nunca haviam realizado, dão asas à criatividade, e carregam de emoção tudo o que fazem. Eles sabem que as famílias dos seus meninos ainda não podem estar com eles fisicamente, e são eles quem veste a pele de pais, mães, irmãos, sobrinhos, amigos, e todos aqueles que habitualmente os visitavam. Já houve momentos menos bons, momentos de desânimo e frustração, a luta contra um vírus que parece não ter fim nem sempre está a ser fácil de aguentar, mas logo erguem a cabeça e voltam a colocar o melhor sorriso para enfrentar novas adversidades. São os nossos heróis em tempos de pandemia, os nossos verdadeiros heróis.









A montanha veio a Maomé

Aquele instante de felicidade

Uns mais, outros menos, mas é um facto que enquanto seres humanos demoramos relativamente pouco tempo a dar valor àquilo que dávamos como garantido e inesperadamente perdemos. Quando fomos obrigados a permanecer em casa por um longo período, rapidamente percebemos o quão ingratos fomos com pequenas mas maravilhosas coisas. Preparar-nos para sair, escolher um restaurante, e desfrutar de um momento longe de casa, passou a ser uma coisa do passado. Que o digam todos os que acordam e adormecem no nosso Lar Residencial, que com as apertadas restrições viram um dos grandes momentos do mês simplesmente desaparecer. A ida ao restaurante foi-lhes retirada dos planos mensais. Um dos dias mais aguardados, sem que nada o fizesse prever, teve que ser suspenso, e as previsões de retoma não eram nada animadoras. A incompreensão, o desânimo e a frustração teria muitas vezes surgido não fosse a generosidade de quem está ao leme do restaurante McDonalds de Guimarães. Ao longo deste tão atípico período das nossas vidas, este pedacinho de céu veio ter a nossa casa sempre em jeito de presente, e em boa companhia reinventamos o muito apreciado momento. O succulento hambúrguer e as deliciosas batatas fritas eram apenas o início de um momento que fechava com o gelado difícil de replicar. É em momentos como este que nos apercebemos que um instante de felicidade consegue-se com pequenas coisas. Os olhos sorriem a cada dentada, e não fosse o compreensível travão da nossa nutricionista, por vontade de todos eles, este momento era multiplicado vezes sem conta. Não podendo ser, por razões óbvias, acontece sempre que a alma necessita de um carinho.

A Nova Casa da AIREV

Já faltou mais, muito mais

Falar da construção de uma nova casa é sempre sinónimo de um recomeço, de alegria, de planos, de união, e de construção de um novo porto seguro. Será lá que iremos rir, chorar, partilhar, e acolheremos os novos membros da família. Será um lugar onde se celebrarão datas e assinalarão momentos, onde se confortarão uns e abraçarão outros, e acima de tudo um lugar onde cada um começará a escrever ou reescrever a sua história na família. Quando falamos da Nova Casa da AIREV, falamos há muito da concretização de um novo sonho. Lá irá habitar uma nova família, uma família muito especial que precisará de cuidados redobrados. Os momentos de fragilidade serão imensos diz-nos a experiência, mas os momentos de alegria serão também infinitos. Cada dia que passa é mais um pequeno passo para a concretização deste passo gigante. Aguardamos, neste momento, a decisão da candidatura ao programa estatal - PARES - de financiamento parcial do edifício, para assim se iniciar a sua construção e recebermos nos nossos braços mais 90 meninos com deficiência. Felizmente temos ao nosso lado, ano após ano, empresas, e empresários em nome individual, que nos apoiam para que possamos oferecer as melhores condições de vida àqueles que nos procuram. A todos estes empresários, que este ano deixaram uma bonita marca na AIREV, muito obrigado por caminharem ao nosso lado.



As mais solidárias







Pedro e Orlanda

Dois anos depois

A última edição da nossa revista teve como destaque a celebração do amor do Pedro e da Orlanda. Rodeados de amigos e familiares disseram – Sim – um ao outro. Num verdadeiro dia de verão prestaram votos de amor e fidelidade. Dentro de portas viveram o dia dos seus sonhos. Hoje, quase dois anos volvidos, encontram-se unidos, muito companheiros, cúmplices e extremamente felizes. Como muitos de nós, de há um ano para cá, devido à pandemia instalada, encontram-se impossibilitados de sair das instalações da AIREV, que é a sua casa, onde têm o seu quarto privado, que é o seu verdadeiro cantinho. É sabido que este último ano tem sido tão atípico quanto exigente, um ano que nos tem posto à prova em todos os sentidos, e este casal demonstrou-nos que é no amor que encontramos a maior arma para enfrentarmos os obstáculos que a vida nos põe. Que este amor os preencha por muito tempo.



O verão sem água salgada

Oh mar que perguntas por nós

O nosso último verão não teve mergulhos no mar, não teve brincadeiras nas piscinas, corpos bronzeados pelo sol, passeios no parque, nem a tão desejada semana de férias em Árvore como vinha sendo hábito ano após ano. Tivemos que nos reinventar e procurar a diversão dentro de portas, já que ficamos todos por casa, em segurança, enquanto as ondas do mar perguntavam por nós. Daqui a muitos anos certamente não nos lembraremos dos mergulhos do verão de 2017 ou de quem nos fez companhia no quarto na colónia de férias de 2015, mas todos nos lembraremos do verão de 2020, em que nos foi tirada a praia, e aí, os mergulhos serão ainda melhores e os gelados mais saborosos. Porque quando tudo isto passar, o sol e o mar estarão prontos para nos receber, isso é uma grande certeza.

A todos os que de alguma forma
contribuíram para a felicidade dos
nossos meninos, referidos ou não ao
longo desta edição, o nosso sincero
agradecimento. AIREV

Gostava de deixar a sua marca na AIREV?

Pode fazê-lo em www.airev.pt

DOAR AGORA

